

Revista Appai

EDUCAR

Informação ao Profissional de Educação

Mala Direta Postal
Básica

9912341218/13/DR-RJ
APPAI

... CORREIOS ...

INDISCIPLINA NA SALA DE AULA...



E agora, professor? A violação de regras e a falta de limites têm ganho força e se tornado um grande quebra-cabeça para pais e professores, sobretudo nas relações sociais na escola



Opinião

O ensino da matemática e suas aplicações

Eloan Marlon dos Reis Moreira*

A matemática tem sido intitulada como um grande problema para alguns estudantes dos ensinos Fundamental e Médio, por se tratar de uma disciplina complexa e na qual alguns estudantes não conseguem enxergar aplicações no cotidiano. Este artigo se baseia em conversas recentes com 50 estudantes desses períodos que tiveram, ou ainda possuem, problemas com a matemática ao longo dos anos de aprendizagem, onde todos os alunos afirmam não gostar da disciplina porque não sabem onde utilizarão todos os tópicos aplicados em sala de aula. Após saberem da importância dos conteúdos mais temíveis, e suas futuras utilizações, os entrevistados mudaram suas expressões faciais, demonstrando agora um pouco de interesse na disciplina.

O principal objetivo desse artigo é demonstrar a importância do aprendizado na matemática, tais como algumas aplicações importantes para a sociedade, como as grandes construções e as novas tecnologias, assim como para o cuidado com o meio ambiente.

Trata-se de uma disciplina essencial no mundo de hoje. É uma poderosa ferramenta para entender as coisas ao nosso redor e nossa perspectiva das questões importantes que enfrentamos como indivíduos, famílias, empresas e nações. Vemos e usamos habilidades e capacidades matemáticas todos os dias, desde manter as contas em

dia, de varejistas a construtores, até advogados e contadores. Todo mundo precisa de algum nível de conhecimento específico de matemática. A maioria das profissões usa seus princípios para desempenhar melhor seu trabalho e progredir no mundo.

A matemática nas construções

No mundo de hoje, tratando-se de edificações, há diversos problemas nos quais se pode recorrer à disciplina para criar habilidades de raciocínio para os alunos.

Por exemplo o Teorema de Pitágoras é extremamente importante nas construções de estruturas, principalmente de telhados, onde são formados vários triângulos dependendo da quantidade de água.

As equações do segundo grau são essenciais para construção, desde pequenas casas residenciais a grandes obras como pontes e viadutos. Servem também para obtermos os valores máximos e mínimos de deformação das estruturas.

O ensino da geometria ensina futuros arquitetos a dimensionarem corretamente os espaços em grandes construções, para o melhor conforto dos habitantes.

Algumas curiosidades: o perímetro das pirâmides de Gizé é 365,24 – o mesmo número de dias no ano. E o perímetro da pirâmide dividido pelo dobro de sua altura é igual a pi (3,1416). Por fim, as medidas da Câmara do Rei são baseadas em um triângulo pitagórico (3, 4, 5).

**EXPE
DIEN
TE**

Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalista Editora
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Coord. de Comunicação
Luiz André Ferreira

Assistentes de Editorial
Jéssica Almeida e Richard Günter

Designer e Assistente Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira
Yasmin Gundim

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 82.000 (oitenta e dois mil)

Impressão e distribuição
Edigráfica – Correios

Colaboração
Sandra Martins

**Professores, enviem seus projetos para a
redação da Revista Appai Educar:**

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

* Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

A matemática e o meio ambiente

O meio ambiente é comumente utilizado para significar a biosfera, a parte viva relacionada ao nosso mundo e das quais as coisas vivas dependem. Os modelos matemáticos podem descrever partes de nosso “ambiente” e fatores que o afetam. Isso permite que previsões sejam feitas, como por exemplo quando o carvão e o óleo acabarão, quanto aumentará o mar daqui a dez anos etc.

Segundo Richard H. (2010), problemas de matemática envolvendo cálculos básicos, porcentagens, índices, tabelas e gráficos são usados para ilustrar

questões ambientais, como o crescimento populacional, desperdício, escassez de recursos, poluição do ar e da água e demanda de energia elétrica.

Concluimos que a aprendizagem da matemática possui um alto valor na vida dos estudantes. Quanto mais matemáticos nos tornarmos em nossas abordagens, mais bem-sucedidos seremos. É uma ferramenta em nossas mãos para tornar nossa vida mais simples e fácil.

Eloan Marlon dos Reis Moreira é Graduado em Engenharia Civil, Especialista em Docência do Ensino Superior, Mestrando em Engenharia de Estruturas.



Curso de inglês, intercâmbio ou educação bilíngue: qual é a melhor opção para aprender uma segunda língua?

Vanessa Tenório*

A fim de preparar desde cedo os filhos para um futuro promissor, muitos pais ficam em dúvida sobre qual a melhor opção para que, no futuro, seus filhos consigam domínio completo da língua inglesa, que hoje não apenas é diferencial, mas sim requisito para conquistar melhores oportunidades no mercado de trabalho. Dentre as possibilidades, muitos pensam em começar matriculando os filhos em uma ótima instituição de ensino, em paralelo a um curso de inglês. Outros preferem investir em intercâmbios, que, segundo pesquisa da Associação Nacional das Agências de Intercâmbio – Belta –, cresceu de 40,2 mil estudantes, em 2015, para mais de 90,9 mil em 2017. Além

dessas alternativas oferecidas pelo mercado, a educação bilíngue tornou-se atualmente uma opção muito utilizada por pais que querem iniciar o processo de aquisição da língua desde a educação infantil.

Aprender uma língua é algo complexo e exige muita prática. No curso de inglês, ensina-se por meio de um método que desenvolve a competência linguística do aluno dentro de uma hierarquia gramatical que enxerga o idioma como uma disciplina a ser estudada e treinada. Ou seja, as aulas geralmente são mais focadas em técnicas da língua, como gramática e interpretação de texto. Além disso, o contato com o idioma é menos

intenso, com o tempo podendo variar de uma a quatro horas semanais, apenas.

Já nos programas de educação bilíngue, a língua é vista como um meio de instrução dentro de uma educação global e significativa para o aluno, que passa por um processo subconsciente de aquisição linguística mais natural. Ou seja, por meio da língua inglesa o aluno terá contato com conteúdos de componentes curriculares como matemática, história, geografia, ciências, artes e até mesmo aulas práticas de culinária. Dessa forma, a aquisição da língua é trabalhada de maneira mais espontânea, na medida em

que o aluno vai se envolvendo com as atividades e o idioma é internalizado. Na educação bilíngue, o tempo de exposição pode variar de escola para escola, mas em geral são oferecidas, no mínimo, seis horas semanais.

Existe ainda outra maneira de adquirir uma língua, que é o caso de quem viaja para o exterior e mora nesse lugar por um tempo. Se for criança, a aquisição aconte-

ce de maneira muito mais rápida. Um adulto consegue aprender, mas não com a mesma facilidade, por conta das barreiras psicológicas que ele apresenta.

Desse modo, cabe somente aos pais decidir qual é a melhor opção para seus filhos. Entretanto, é interessante pesquisar e dialogar com profissionais da área, sempre levando em consideração as necessidades dos filhos. Todas essas maneiras

são viáveis para aprender inglês, mas em alguns casos é preciso que haja mais dedicação e prática do que em outros.

Vanessa Tenório é Mestra em educação, empreendedora e desenvolvedora do programa de educação bilíngue pioneiro no Brasil, *Systemic Bilingual*.

DISSECANDO OS VERBOS (IN)TRANSITIVOS



Por Sandro Gomes*

Os verbos intransitivos são aqueles que não necessitam de complemento, ou seja, as ações têm início e fim no próprio sujeito. Enquanto com os verbos transitivos o complemento aparece de maneira natural, como uma necessidade comunicativa, com os intransitivos a oração não precisa ir além do verbo para ser compreendida. Vamos ver um exemplo?

Uma bela criança nasceu!

O verbo “nascer” não pede nenhum tipo de complemento, pois a ideia que apresenta está completa. Mas há contextos que costumam levar a algumas dúvidas.

Verbos intransitivos e adjuntos adverbiais

Mesmo não havendo necessidade de complemento em intransitivos, dependendo da utilização o sentido dos verbos pode permitir o acréscimo de novas informações. Veja.

Ela chorava de saudade todos os dias.

O verbo “chorar” costuma funcionar como intransitivo, mas no exemplo acima foi possível acrescentar duas novas ideias:

de saudade indica o motivo pelo qual o sujeito chorava (um adjunto adverbial de causa) e *todos os dias*, que aponta para a frequência com que a ação ocorria (um adjunto adverbial de tempo).

Nos dois casos houve a junção de novas informações a uma ideia, através de adjuntos adverbiais. Não houve complemento, é importante não confundir.

Intransitivos que podem ser transitivos. Pode isso?

Dependendo do contexto, pode sim. Observe:

O rapaz dormiu um sono tranquilo.

O verbo “dormir” costuma ser empregado como intransitivo, mas, nesse caso, quem dorme, dorme alguma coisa. E o que é que se dorme? “um sono tranquilo”. Repare como a lógica dos transitivos funciona nesse caso, mesmo que de um modo geral o verbo não exija complemento.

Exemplo de intransitivos que às vezes podem pedir complemento

Namorava muito. – intransitivo

Eu namoro (com quem?) com uma antiga amiga.
transitivo indireto

Ele namora (o que?) aquele apartamento há anos.
transitivo direto

O macete são as perguntas. Se precisam ser feitas, como nos dois últimos casos exemplificados, está sendo pedido complemento, mesmo que em geral seja usado como intransitivo. Exercitar os casos de verbos normalmente intransitivos vai fazer com que você supere as dúvidas. Vamos lá, não é difícil! Até a próxima, pessoal!

*Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira, Portuguesa e Africana de Língua Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, colunista da Appai, Escritor e Mestre em Literatura Brasileira.

Tecnologia Sustentável

CRIATIVOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL





Alunos criam tijolo ecológico a partir da mistura de três elementos estranhos

O que nós aprendemos na escola? Bem, além das disciplinas de humanas e exatas, os alunos do Colégio Estadual Dom Veloso, de Itumbiara, em Goiás, aprenderam a criar desenvolvimento social. Um dos *top ten* do prêmio “Respostas para o Amanhã”, edição 2019, o projeto *Engenharia sustentável: uso de resíduos na fabricação de tijolos ecológicos*, desenvolvido por alunos e professores, mexeu com a estrutura da comunidade escolar.

A partir de uma mistura incomum, composta por restos de construção, cinza de cana-de-açúcar e garrafas *pet*, 15 alunos do 2º ano do Ensino Médio mostraram que era possível confeccionar tijolos de alta durabilidade e, sobretudo, ecologicamente corretos. Orientadora do projeto, a professora Ayanda Ferreira Nascimento Lima, formada em Ciências Biológicas e doutoranda em Biologia Celular e Molecular Aplicada à Saúde, encampou a ideia e, junto com os estudantes, mostrou que é possível alçar voos longínquos.

Segundo Ayanda, a ideia surgiu depois de uma reforma realizada no colégio. “As obras geraram uma caçamba inteira de resíduos e nós não queríamos que os entulhos fossem descartados no lixão da cidade”, explica a professora.

Mas o que fazer com esse material?

Como toda ação vem sempre seguida de uma reação, a resposta para a indagação dos alunos e professores foi pensar e em seguida iniciar uma pesquisa sobre o que poderia ser feito com toda aquela sobra de material. Item amplamente usado na construção civil de forma artesanal ou industrial, o tijolo passou a ser a grande opção. Após a escolha do produto a ser desenvolvido, veio o grande desafio de, mais que isso, criar um que fosse ecologicamente correto.

Uma das coisas descobertas, nessa procura, foi perceber que era possível substituir o cimento por cinza de cana-de-açúcar, adicionada a resíduos de garrafas *pet*. Essa combinação tornava os tijolos ainda mais resistentes. “A grande inovação do nosso projeto foi a associação desses três elementos”, destaca Ayanda.

Tijolo pronto, é hora de testar

Compostos selecionados, faltavam os testes que comprovariam não só a eficácia, mas sobretudo a resistência do tijolo para uso em larga escala. Nesse momento do processo entra em cena uma ajuda de peso, explica a professora. “Além dos conhecimentos de Biologia, nós tivemos a contribuição do professor de Física, Adriano Rodrigues Teixeira, que nos auxiliou nos testes de compressão e absorção de água. A colaboração da professora de Matemática, Maria Terezinha do Carmo Martins, também foi fundamental, uma vez que havia a necessidade de medir a área da superfície dos tijolos. Tivemos ainda a participação da professora de Apoio, Joana Cândida da Silva Ferreira, que acompanhou um aluno da turma diagnosticado com síndrome de down”, relembra Ayanda.



O tijolo ecológico rendeu motivação entre os alunos, integração, visibilidade e também prêmios para a comunidade escolar



O projeto, intitulado "Engenharia Sustentável: Uso de Resíduos na Fabricação de Tijolos Ecológicos", foi desenvolvido com a participação de 15 alunos do 2º ano do Ensino Médio



Para verificar a resistência do produto foram realizados dois testes com prensa hidráulica no laboratório de construção civil de uma instituição de ensino superior de Itumbiara

Para alunos e professores não bastava apenas concluir o projeto. O resultado deveria surpreender. Para tanto, era necessário que todas as testagens de resistência do produto fossem realizadas com instrumento industrial, como a prensa hidráulica. Os procedimentos aconteceram no laboratório de construção civil de uma instituição de ensino superior de Itumbiara. E ao fim dos testes veio o tão esperado laudo técnico assinado pelo coordenador do curso de Engenharia Civil, Alessandro Oliveira da Silva, certificando o produto.

A conclusão do projeto, de acordo com os alunos e professores, foi além da produção de um elemento inovador. O tijolo ecológico da rede pública estadual rendeu motivação entre os alunos, integração, visibilidade e também prêmios aos envolvidos diretamente. Agora, segundo a comunidade escolar, o foco é arrecadar recursos para levar o projeto do tijolo sustentável à Feira Ciência Jovem, que será realizada em Pernambuco. Fiquemos na torcida!

■ Por Antônia Lúcia

Colégio Estadual Dom Veloso

Rua Rio Verde, 362 – Centro – Itumbiara/GO

CEP: 75530-370

Tel.: (64) 3431-5370

E-mail: cedomveloso@gmail.com

Fonte: <http://www.consed.org.br/portal/noticia>

Tema Transversal

ALÉM DO QUE SE VÊ

Projeto utiliza a fotografia para conscientizar e empoderar os estudantes

Analisar as trajetórias pessoais e expectativas de vida, e a partir disso reproduzir imagens fotográficas. Com esse direcionamento, o Ciep 179 Professor Claudio Gama, localizado em São João de Meriti, desenvolveu uma exposição que recebeu o nome de *Além do que se vê*. O intuito foi problematizar questões que ainda permeiam o cotidiano no que diz respeito ao preconceito racial e conscientizar os jovens acerca dessa questão.




Uma das alunas trouxe um pente quente e contou o quanto sofreu, inclusive com as orelhas queimadas, a fim de atender um olhar preconceituoso da sociedade, segundo o qual todos deviam ter cabelos lisos

A partir de imagens fotográficas realizadas em sala de aula, conteúdos teóricos levantados e debates acerca do tema, os estudantes foram estimulados à percepção visual e à capacidade de reflexão em relação ao cotidiano deles. A educadora Tatiana Barradas explica que se buscou também denunciar o preconceito para além do que se vê: “As entrelinhas e as percepções desse preconceito ao longo de suas trajetórias”, completa.

Nas primeiras aulas os estudantes foram provocados a dissertar sobre o racismo, preconceitos e as normativas sociais. “Muitos alunos trouxeram a máxima de que não se trata de uma coisa explícita no Brasil. Comparamos então com outros países e como a questão é entendida na legislação e na sociedade em geral”, expli-

ca Tatiana. Num desses debates nasceu o nome do projeto, pois através das narrativas os estudantes analisaram que esse preconceito racial muitas das vezes está nas entrelinhas.

Uma das questões apontadas pelos estudantes foi a falta de oferta de bonecas negras durante a infância. Atualmente, elas têm entre 16 e 20 anos e, quando crianças, brincavam com as brancas, pois não era comum a comercialização de exemplares com a cor negra. “Há também o problema da ausência de representatividade nas revistas para adolescentes, principalmente na formação de suas mães. Ainda hoje muitas resistem em não deixar os cabelos naturais, pois era um padrão estético que durante anos foi mantido: se devia alisar para mantê-los alinhados”, ressalta a professora.



“Não é porque é negra que deve estar de *black power*. Pode ser o que quiser ser”

Uma das alunas trouxe um pente quente, instrumento que era utilizado para alisar os cabelos afro antes de se popularizarem a chapinha e o secador. Essa aluna se emocionou ao narrar a sua trajetória. Hoje, com cabelos curtos por ter passado pela transição capilar, sofreu na sua infância tendo que passar pelo alisamento. Ela conta que suas orelhas estavam sempre marcadas com o ferro quente. A mudança capilar trouxe um sentimento de liberdade, de poder ser naturalmente afro e assumir o volume dos cachos, mas levou tempo para tomar essa postura. Hoje ela incentiva essa liberdade, mas não acredita que seja uma obrigatoriedade estar com cabelo natural.

Ainda na temática de liberdade capilar, duas estudantes, uma com a chapinha na mão e outra com pente afro, defendem essa mesma liberdade de escolha. Segundo elas não é porque é negra que deve estar de *black power*. Pode ser o que quiser ser: lisa, encaracolada, cabelo com tinta ou sem tinta. O que importa é ser livre para escolher e mudar quando tiver vontade. Nas fotografias



Mais que uma exposição, alunos e professores construíram um espaço em que a diversidade de olhares e pensamentos foi o protagonista

produzidas pelos alunos, desponta um misto de cores capilares, além do loiro, o rosa, o azul, natural, reforçando a ideia de liberdade de decidir.

Como é um curso de formação de professores, as turmas pensaram estratégias para utilizar em suas futuras salas de aula. Os alunos realizaram uma pesquisa sobre os principais contos infantis cujos protagonistas são negros, incluindo os mais conhecidos super-heróis e bonecas, e apresentaram o material durante a culminância, que faz parte do Projeto Político-Pedagógico da escola, que ocorre anualmente. Esse trabalho fotográfico foi o primeiro feito sob a orientação de Tatiana.

Aberta a toda a escola, a exposição contou com as fotografias produzidas pelos alunos, cartazes com frases que ainda são ditas e que expressam algum teor de preconceito, exposição de bonecas negras e sugestões de contos infantis com protagonistas negros. Além disso, os estudantes que visitavam a exposição eram convidados a produzir suas próprias imagens e mandar mensagens acerca do tema através da *hashtag*

#ConscientizarParaTransformar, criada por eles. Foram distribuídos também *bottons* com intuito de fomentar e divulgar a *hashtag* nas principais redes sociais acessadas pelos estudantes: Facebook e Instagram. “A ideia é que possamos manter esses debates e discussões assim como pensar alternativas para conscientizar os jovens e as crianças com objetivo de minimizarmos as desigualdades raciais, assim como preparar e empoderar os jovens negros da periferia da Baixada Fluminense que já fazem a multiplicação dessa corrente”, finaliza a educadora.

■ Por Jéssica Almeida

Ciep 179 Professor Cláudio Gama

Estrada São João Caxias, 122 – Centro – São João de Meriti/RJ

CEP: 25515-420

Tel.: (21) 2656-7289

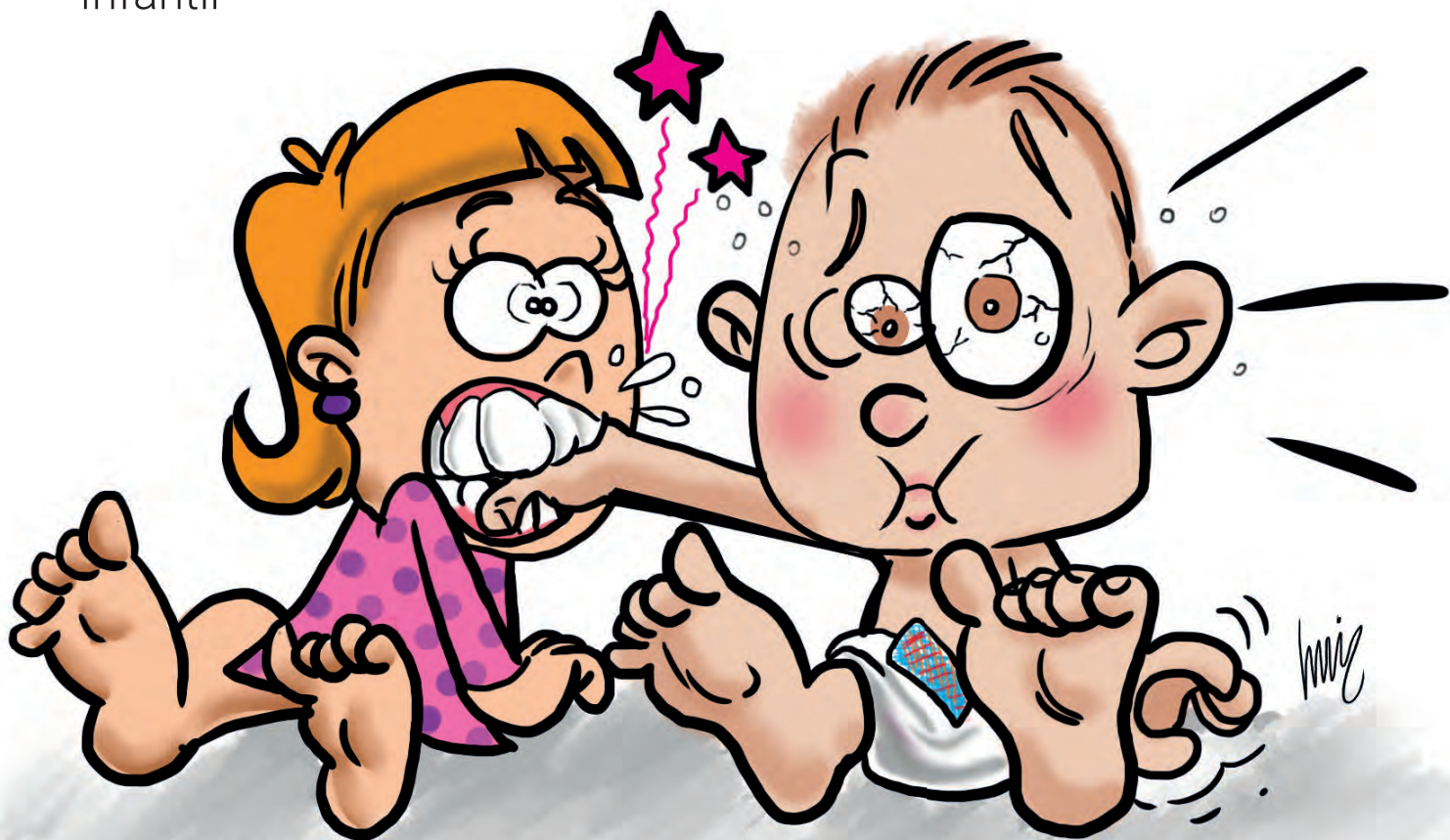
E-mail: ciep179@educacao.rj.gov.br

Fotos cedidas pela professora

NHAC!

UM COLEGUINHA MORDEU O OUTRO

Como lidar com essa situação na Educação Infantil



A pesar de ser um fato comum que uma criança acabe mordendo a outra no dia a dia de uma creche, tal ato não impede que a gestão da escola infantil possa agir para que isso não se repita. Ainda que sem a má intenção, a mordida não deixa de ser uma agressão, pois provoca dor e deixa marca. Por isso, ela precisa ser combatida. E o primeiro passo é identificar as situações em que acontece.

Margareth Borges, Diretora da Escola de Educação Infantil Cantinho Feliz, em Gravataí (RS), conta que a maioria dos casos ocorre na faixa etária entre dois e três anos. “Quando acontece, o ponto de partida é conversar com as famílias para explicar o porquê das mordidas e assegurar que sejam feitas intervenções pedagógicas para evitá-las, caso precise”.

Recentemente a mídia divulgou um caso no Rio de Janeiro de uma criança que levou 17 mordidas dentro da creche, e nem as professoras, nem as assistentes souberam explicar como aquilo

aconteceu. Como se trata de crianças muito pequenas, elas não conseguem entender o porquê daquilo, da mesma forma que quem pratica não enxerga como uma violência. “Primeiro é confortar a criança ferida e mostrar ao coleguinha o que ele fez. É importante que perceba a consequência da ação, mesmo sem ter tido intenção de machucar”, diz a diretora. Margareth ainda ressalta que dizer frases como “Não pode” ou “Dói”, sem gritar, é uma boa sugestão. “Com isso, eles vão assimilando que morder não é a melhor forma de se comunicar”, explica.

A gestão da Cantinho Feliz opta por conversar com as famílias das crianças que mordem para colocá-las a par do que está acontecendo. “Chamamos os pais e falamos sobre as mordidas, orientando-os a respeito do trabalho desenvolvido na escola e trocando ideias sobre as possibilidades para evitá-las”, relata Margareth. O mesmo procedimento é adotado com relação às crianças que são mordidas. “A gente faz reuniões com os responsáveis para explicar esses fatos”, comenta.

VEJA 3 PASSOS INFALÍVEIS

1 Uma conversa inicial:

chame as famílias, diga que as mordidas são comuns na creche, mas que a escola está comprometida em evitá-las. Explique as intervenções feitas nesse sentido.

2 Amparando o aluno:

quando a mordida ocorrer, acalme o agredido e, em seguida, explique para o coleguinha agressor que seu ato resultou em dor e choro, mesmo sem a intenção de machucar. Assim, todos vão compreendendo que morder não é uma boa forma de se expressar.

3 Fique atento:

quem morde deve seguir brincando com os demais. Para tanto, fique próximo, redobrando a atenção e propondo novas formas de diversão. Jamais coloque a criança de castigo.

■ Por Richard Günter

Fontes: Nova Escola | Criançartes

Escola de Educação Infantil Cantinho Feliz

Rua Rev. Alcides Francisco de Souza, 574 – Morada do Vale III – Gravataí/RS

CEP: 94080-000

Tel.: (51) 3042-6682

E-mail: eeicantinhofeliz@yahoo.com.br

Tema Transversal

A ARTE DE BRINCAR PARA APRENDER

Brincadeiras do passado
são eixos para impulsionar
o ensino infantil



Ao brincar, a criança vivencia situações que exigem dela o uso da imaginação, de conhecimentos prévios e da elaboração de estratégias para a solução de problemas. Por meio de atividades lúdicas, vão sendo estimuladas suas habilidades e capacidades cognitivas, emocionais e sociais. E quando as brincadeiras assumem uma configuração pedagógica, elas conciliam aprendizagem e diversão. Na Escola Municipal Luís Carlos da Fonseca, em Madureira, alunos e professores colocaram essa teoria em prática, no terceiro bimestre, com o desenvolvimento do tema *Brinquedos e brincadeiras*. O projeto possibilitou às crianças conhecer e interagir com diversões do passado, comparando as atuais com as dos tempos dos seus pais e avós. Também buscou desenvolver a comunicação através de jogos e brincadeiras, ampliando as possibilidades expressivas do próprio corpo e aprendendo a respeitar regras e limites.

A ideia do projeto surgiu quando uma professora da escola estimulou sua turma a participar de uma brincadeira de roda. Aquela iniciativa despertou a atenção da diretora Sílvia Neves, que propôs à equipe pedagógica o desenvolvimento de um projeto que estendesse a prática para todas as seis turmas da unidade escolar, com a inclusão de outras brincadeiras e brinquedos que, com o passar do tempo, foram esquecidos. “O foco foi a questão do resgate dessas diversões. A própria equipe entrou no clima, lembrando atividades da infância como elástico, pião e até mesmo trazendo para a escola brinquedos das gerações 70, como ferrorama e aquaplay, além de bonecas que eram desejadas por todas as meninas da época”, explica Sílvia.

Ainda segundo a diretora, através do brincar a criança desenvolve elementos fundamentais para a formação da personalidade, experimenta situações, organiza suas emoções, processa informações e constrói autonomia de ação. “Hoje, sabe-se que ao brincar ou criar uma



Através do brincar a criança desenvolve elementos fundamentais para a formação da personalidade, experimenta situações, organiza suas emoções, processa informações e constrói autonomia de ação.

situação imaginária, as crianças podem assumir diferentes facetas, indo além do seu comportamento habitual”, elucida a diretora reafirmando o papel de relevância do brinquedo para elas, garantindo que os objetos tenham força motivadora na transposição do mundo real para um universo imaginário e permitindo que atuem de forma diferente em relação ao que veem. “Isso pode ser visto na prática, pois desde o início os alunos demonstraram bastante interesse pelo projeto. Isso mostra que as crianças podem se identificar com as brincadeiras tradicionais, desde que tomem contato com elas, e o educador pode incentivar o ressurgimento dessas situações brincantes, oportunizando vivências pautadas em atividades lúdicas como instrumento no processo de ensino-aprendizagem”, declara Silvia.

A diretora adjunta Cristiane Castro lembra que o resgate de brinquedos e brincadeiras está inserido em um projeto maior intitulado *Toda memória tem uma história*. “No primeiro bimestre iniciamos com figuras importantes, como Chico Anísio, Ayrton Senna e o palhaço Carequinha, pois muitas crianças não sabiam quem eles foram. Foi, portanto, o resgate da trajetória dessas personalidades. No segundo bimestre, abordamos os acontecimentos que fizeram parte da nossa história recente, mas que as crianças ainda não tinham conhecimento por serem muito pequenas na época. No terceiro bimestre, aproveitando o folclore, partimos para o resgate de brinquedos e



Resgatar brinquedos e brincadeiras infantis não apenas trouxe à memória bons momentos, mas, sobretudo, o aprendizado e o amadurecimento no desenvolvimento cognitivo, motor e psicossocial

brincadeiras. As crianças participaram de várias atividades que tiveram como temática esses divertimentos, mas que possibilitaram trabalhar diferentes con-

teúdos, como produção textual e matemática, com a construção de gráficos para relacionar os brinquedos favoritos. E para o último bimestre elaboramos uma

retrospectiva dos temas trabalhados na escola no decorrer do ano letivo”, conta Cristiane.



Em cada brinquedo uma descoberta

Cada brinquedo apresentado despertava a curiosidade das crianças. Um exemplo disso foi quando a professora Elizabeth Vianna mostrou aos seus alunos do 2º ano o tradicional pião de madeira. Eles já conheciam a versão eletrônica, mas não aquela peça afunilada com uma ponta de ferro e uma corda enrolada.

Com o auxílio do agente educador Renato Belo, após uma sequência de tentativas e erros, as crianças começaram a fazer o pião girar em torno do próprio eixo. Foi uma alegria tamanha a ponto de as outras turmas reivindicarem também uma aula para aprender a dominar o brinquedo. Para a

culminância, foi montada uma exposição com diversões antigas e peças confeccionadas por cada turma com material reciclado: bilboquê, vai-e-vem, labirinto, boitatá, centopeia e bonecos articulados foram alguns deles. Os pais e responsáveis também entraram no clima e interagiram com as peças construídas pelas crianças.

As turmas também fizeram apresentações relacionadas a danças folclóricas. Os alunos do 1º ano abordaram a cultura indígena, destacando o preparo da farinha de mandioca, alimento permanentemente incorporado à nossa cultura. Através da apresentação, o grupo também homenageou os

O pião de madeira despertou a curiosidade dos meninos, que tiveram até uma aula especial para aprender a fazer o brinquedo girar

folguedos de bumba-meu-boi. Já a turma do 2º ano da professora Lucelene Ruiz retratou as parlendas, conjunto de rimas simples e versos curtos, que têm a função de divertir, entreter, compor uma brincadeira ou ajudar na memorização de números, dias da semana, cores etc.

Uma outra turma de 2º ano, da professora Elizabeth Vianna, apresentou a diversidade cultural brasileira, por meio de personagens como o saci, o boto e o sapo-cururu. Os alunos do 3º ano, da professora Fátima Gomide, apresentaram uma dança típica do Pará: o carimbó. O 4º ano, com a docente Cintia Coutinho, fez referência às brincadeiras tradicionais como forma de resgatar o lúdico, a memória e desenvolver as habilidades necessárias. O 5º ano, também com a Cíntia, fez alusão às mímicas, imitações e adivinhações, promovendo um resgate das diversões tradicionais que propiciam a interação e a alegria.

Escola e família, um par perfeito

A coordenadora pedagógica Vânia da Mota destaca o envolvimento de toda a comunidade escolar com o projeto: “Não foram apenas as crianças que ficaram animadas com o resgate de brinquedos e brincadeiras. Integrantes da equipe escolar e muitos responsáveis também se envolveram trazendo coisas antigas para a escola. É um resgate da nossa memória afetiva. Para contribuir com a exposição, eu trouxe uma boneca da minha infância, que já tem 46 anos. São coisas que marcam. As minhas filhas tiveram contato com ela, mas eu a preservei até hoje. Para nossos alunos,



Através do resgate do brincar, a integração e a socialização estiveram presentes no esquete em que as meninas representaram as princesas dos contos de fadas

boa parte dos brinquedos e brincadeiras apresentados a eles é uma novidade. Essas experiências passam a ser fonte de aprendizado e estímulo para outras buscas de conhecimento, porque a criança começa desde muito cedo a mergulhar no universo da diversão, da fantasia e do faz de conta”.

A representante da 5ª Coordenadoria Regional de Educação, Elaine Muniz Silveira, avalia o projeto: “Gostei de ver as crianças resgatarem brin-

cadeiras que quase não se veem mais. O brincar faz parte do processo de aprendizagem de todo ser humano, começando na infância e podendo se estender a alguns momentos da fase adulta. Independente da idade, a brincadeira pode se inserir como elo no processo de aprendizagem, possibilitando um conhecimento mais sólido e permanente. Que esse trabalho possa servir de exemplo para outras escolas também”.

■ *Por Tony Carvalho*

Escola Municipal Luís Carlos da Fonseca

Rua Leopoldina de Oliveira, 51 – Madureira – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21360-060

Tels.: (21) 3457-7720 / 3457-3496

E-mail: emluisf@rioeduca.net

Diretora: Silvia Neves

Fotos: Tony Carvalho

Tecnologia

PODCAST NA SALA DE AULA PODE?

Saiba como essa
ferramenta digital pode
influenciar o ensino



A cada dia ele ganha novos ouvintes. Sem dúvida, foi o queridinho de 2019, já que, de acordo com uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de *Podcasters* (ABPOD), registrou uma considerável alta em seu consumo. Mais de 40% dos internautas já ouviram pelo menos uma vez algum conteúdo neste formato. No *site* da Appai, o material produzido já bateu a marca de 1 milhão de *plays*. Diante dessa realidade, é possível se apropriar desta tecnologia para uso em sala de aula? A resposta vem até em *caps lock*: SIM! E vamos mostrar como surpreender seus alunos.

O *podcast* é uma ferramenta que resgata a **oralidade**, inspira **criatividade** e deve ser usado cada vez mais por professores e alunos. Isso porque este formato tem o potencial ativo para desenvolver **habilidades cognitivas**. Vamos entender:

MAS O QUE É UM PODCAST?

De acordo com Luiz André Ferreira, Mestre e *podcaster*, ele é um arquivo de áudio ou vídeo em formato digital que é transmitido pela internet. Sua funcionalidade é semelhante à do rádio, só que você pode fazer o *download* do arquivo para ouvir quando e onde desejar. Alguns professores já fazem uso do *podcast*, ouvindo e depois discutindo o conteúdo com os alunos de forma presencial.

Com essa explicação, já podemos ratificar a importância dele no acréscimo ao fazer pedagógico. Isso porque, em diferentes graus, os alunos estão de alguma forma conectados pela internet. No cotidiano, eles já utilizam serviços de áudio e acessam *podcasts*. Justamente por ser uma ferramenta popularizada entre os jovens, o docente pode se beneficiar dessa receptividade para promover projetos pedagógicos que lidem de forma objetiva com eles.

Vale ressaltar que, entre as vantagens deste projeto, está a oportunidade de fazer os estudantes se tornarem produtores, além de ouvintes. Criando *podcasts*, os alunos trabalharão a oralidade, a escuta ativa, a percepção do ambiente e vão desenvolver sua maneira de se expressar.

UM EXEMPLO QUE VAI INSPIRAR VOCÊ

Sem dúvida, trabalhar com *podcast* traz inúmeras possibilidades. A professora Débora Garofalo, da rede pública de São Paulo, que já ficou entre os dez finalistas do Global Teacher Prize, o Nobel da Educação, sentiu a necessidade de empregar a ferramenta em sala de aula, até que teve um momento de *insight* e decidiu explorar a regionalidade e a oralidade em uma atividade interdisciplinar. “Eu convidei os alunos a trabalhar as diferenças linguísticas das regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Sul. Com a lista de palavras formulada, eu desafiei cada grupo a criar uma história e gravar uma *radio-novela*”, relata.



O primeiro passo foi realizar uma pesquisa listando vocábulos que os estudantes não conheciam de cada região. De acordo com Débora, os alunos do quinto ano amaram a ideia. O roteiro da radionovela e as gravações foram criados coletivamente.

O resultado dessa radionovela pode ser conferido na página da Revista Appai Educar no site: www.appai.org.br

QUAL PROGRAMA POSSO UTILIZAR PARA GRAVAR PODCAST?

Uma maneira de criar *podcast* de forma livre e gratuita é utilizando o programa Audacity. Esse *software* pode ser baixado e manuseado *off-line*, ou seja, não precisa de conexão com a internet. Ele permite edição, cortes, mixar vozes e músicas, além de ser interativo e bem intuitivo. Uma outra alternativa são os *apps* de gravação de voz dos próprios aparelhos celulares, que permitem registrar e editar.

■ Por Richard Günter

Fontes: Nova Escola | SEE/SP

Débora Garofalo é Assessora Especial de Tecnologias da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo (SEE/SP). Formada em Letras e Pedagogia, mestranda em Educação pela PUC-SP, foi vencedora na temática especial “Inovação na Educação”, no Prêmio Professores do Brasil.

Ciências

CIEN- TISTAS POR UM DIA

Alunos montam estande, produzem conteúdo e experimentos para a feira de ciências





É inegável que o mundo vem se transformando a cada dia e continuará evoluindo nesse ritmo, assim como as feiras de ciência na escola. Afinal, elas têm que acompanhar a evolução científica e as novas tecnologias. Plantar feijão em um recipiente com água e algodão para observar o seu crescimento e desenvolvimento é a clássica experiência da educação infantil. Contudo, para os ensinos Fundamental e Médio, é exemplo de experimento que não desperta mais o interesse desse público.

Além de ser uma prática pedagógica importante, uma feira de ciências na escola é um evento muito bem aceito pelos estudantes. Além disso, é uma excelente ocasião para que alunos de diversas turmas estreitem os laços e o convívio. É um momento de engajamento e de aprendizado para todos.

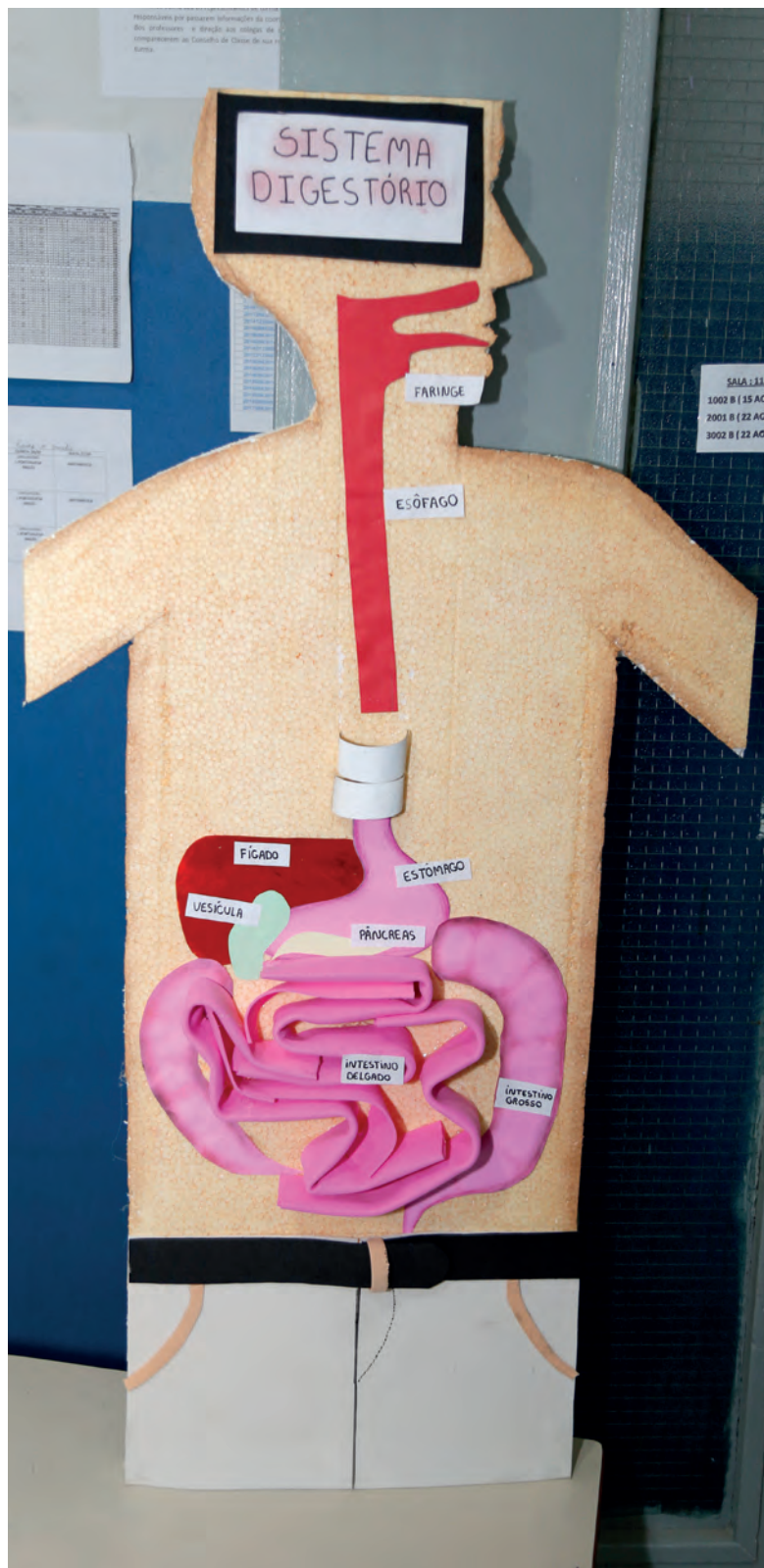
Pensando nisso, o Colégio Estadual Jardim Marilice promoveu uma feira de ciências que con-

templou assuntos relacionados à saúde e aos bens naturais. Tudo isso com auxílio da era digital entrelaçada às formas tradicionais.

O projeto que trata da feira de ciências teve como objetivo expor os trabalhos realizados pelos alunos sob a orientação e supervisão dos professores em sala de aula. Assim, eles tiveram a oportunidade de demonstrar os conhecimentos apreendidos através da pesquisa e experimentação ao público visitante, além de exercitar a oratória. De forma metodológica, os professores utilizaram pesquisas, exibição de vídeos e experimentos, com o envolvimento de todo o corpo docente e discente.

De acordo com Maria de Fátima, coordenadora pedagógica do Colégio, os resultados foram excelentes. “Observamos que os alunos dominavam os conteúdos, tiveram criatividade ao montar os estandes. E realmente estavam entrosados com suas respectivas equipes, demonstrando bastante desenvoltura em suas explicações”, afirma.





Além de aprenderem que o comprimento do intestino é de pelo menos 7,5 m em pessoas adultas e que durante toda a vida o sistema digestivo aguenta 50 toneladas de comida, os alunos também ficaram sabendo que o passeio dos alimentos pelo intestino grosso pode demorar até 2 dias

Não apenas professores e instituições de ensino têm de inovar para realizar feiras de ciência cada vez mais atrativas e interessantes. Os jovens também demandam e exercitam a modernidade. Hoje, na era digital, interação e interatividade são palavras-chave e a internet, um requisito básico. Elementos comuns no dia a dia da comunidade escolar e da sociedade.

Professores e alunos expõem o resultado de suas vivências e criatividade das mais variadas formas e meios. Apresentações, animações, vídeos, experiências sensoriais, maquetes eletrônicas, materiais impressos ou digitais muito bem elaborados... Essas são apenas algumas das inúmeras possibilidades que os dispositivos móveis e a internet oferecem.

Desde a definição do tema a ser estudado, a criança deve aparecer como sujeito ativo do aprendizado. Dessa forma, é fundamental que o educador possa mediar o conhecimento e estimular o aluno a participar ativamente desse processo. É possível trazer para a sala de aula as etapas de um projeto de pesquisa e incentivar a curiosidade dos estudantes. Assim, o saber científico passa a fazer parte da vida acadêmica deles.

Segundo Laysa Peixoto da Costa, turma 2.001, “o projeto agregou muitas experiências. A gente aprendeu sobre sistema digestório”, relata a estudante. José Carlos Vieira Moraes Junior, também da 2.001, ressalta que aprendeu bastante sobre Ciências, “inclusive que fígado não dói, é somente mal-estar”, explica o aluno acrescentando que aprender com outras turmas foi bastante instrutivo.

Na exposição, os alunos promoveram conhecimentos sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), funções dos órgãos como sistema digestório, faringe, fígado, boca, gaba (o neurotransmissor da calma e do relaxamento), função da melatonina, estrutura molecular, ciclo do alumínio e do papel, composto do flúor, ferro e iodo, decomposição do plástico, além de comemorar os 150 anos do estabelecimento da tabela periódica dos elementos químicos e inserir temática social ligada ao público LGBT.



A IMPORTÂNCIA DA FEIRA DE CIÊNCIAS PARA O APRENDIZADO

Essa modalidade de atividade tem um papel importantíssimo no aprendizado dos alunos. Além do conhecimento científico em si que é adquirido durante o processo, todo o seu percurso desenvolve neles diferentes habilidades, como:

- Organização do pensamento
- Comunicação oral
- Comunicação escrita
- Pesquisa científica
- Expressão artística

O formato das feiras é definido a partir do plano pedagógico de cada escola, mas geralmente acontece por meio de exposições dos projetos científicos criados pelos estudantes. Os eventos de ciências são mais comuns nos ensinos Fundamental e Médio, porém também é possível encontrar feiras como essa na educação infantil.

De acordo com Bruno Godoy, diretor-geral da unidade escolar, o colégio tem como objetivo promover oportunidades para descobrir as potencialidades dos alunos em busca de conhecimento, através de atividades práticas, de observação e da pesquisa científica. “Ao corpo discente agregam-se novos conhecimentos que facilitam o aprendizado, além de levar à descoberta de talentos que, muitas vezes, norteiam a futura profissão”, ratifica.

É notável que os alunos ficam mais engajados em aprender a disciplina de uma forma mais dinâmica e prática. Através dessas atividades, há quem se destaque mais, sendo possível reconhecer talentos nessa área. Dessa forma, a coordenadora pedagógica Maria de Fátima avalia a importância do professor em reconhecer e incentivar novos valores nas ciências. “Os alunos ficam mais empenhados em estudar e animados demonstrando grande preocupação com a estética dos seus trabalhos e a apresentação oral. Ainda estamos caminhando para reconhecer novos talentos ligados a essa área, mas esse é o caminho. Realizando o projeto desenvolvemos o ‘gosto’ por disciplinas que antes eram o ‘bicho-papão’ de nossos alunos. Sem dúvida, o professor é a mola mestra na educação, pois faz com que os estudantes adquiram conhecimento utilizando-o de forma prática. Assim, ele é o orientador e condutor do processo de aprendizagem”, ratifica Maria.

■ *Por Richard Günter*

Colégio Estadual Jardim Marilice

Rua Santa Rita, 671 – Corumbá – Nova Iguaçu/RJ

CEP: 26042-800

Tel.: 3778-6330

E-mail: jardimmarilice@oi.com.br

Coordenadora pedagógica: Maria de Fátima

Fotos: Marcelo Ávila

Web

ROLOU NA WEB



Você já é inscrito no canal da Appai no Youtube? Por lá você encontra webséries, *podcasts*, vídeos dos grandes eventos da Appai e muito mais! Acesse agora mesmo www.youtube.com/appairj, inscreva-se e fique por dentro de todas as novidades que vão rolar em 2020.

Voz do professor

"Parabéns à Revista Appai Educar por proporcionar um canal que valoriza os professores e seus alunos compartilhando experiências de sucesso em suas escolas através de reportagens belíssimas redigidas com ética e compromisso com a educação. Agradecimento especial à redatora Jéssica Almeida pela belíssima reportagem e carinho com a nossa escola. Sucesso! Vida longa a esse incrível trabalho" - Professora Tatiana Barradas, via *e-mail*.

Os comentários mais legais das redes sociais você vê por aqui!



Elisângela Medeiros
Via Instagram

"Aquele super presente de aniversário. Reportagem linda publicada na Revista Appai Educar sobre o meu projeto de Contação de Histórias. Obrigada a redação da revista. Fiquei super emocionada. Gratidão!"



Priscila Cruz
Via Instagram

"A Revista Appai Educar publicou sobre o projeto De Conto em Conto. Muito feliz em fazer parte da formação de leitores!"



AS REDES SOCIAIS + CONECTADAS NA EDUCAÇÃO

@APPAIRJ    

XADREZ HUMANO

Um tabuleiro gigante foi montado no pátio da escola e as peças são os próprios alunos

Para vivenciar um jogo de xadrez, o Colégio Estadual Vicente Jannuzzi, localizado na Barra da Tijuca, criou um tabuleiro gigante no pátio da escola em que as peças são os próprios alunos. Isso mesmo! E as jogadas são coordenadas por quatro estudantes, dois de cada time.

A iniciativa liderada pelo professor de matemática Marcos Araújo começou após uma feira pedagógica que aconteceu na escola em 2016. Na ocasião, o educador disponibilizou alguns tabuleiros de xadrez e os estudantes começaram a jogar. Após notar o envolvimento deles, surgiu a ideia de um campeonato.

Um tempo depois, um dos profissionais da escola sugeriu que poderia ser criado um tabuleiro de xadrez no chão do pátio do colégio. A direção gostou da ideia, comprou material e construiu o espaço. Desde então, o xadrez – que já era uma das principais atividades da unidade de ensino – ganhou outros contornos e muitos interessados.

No tabuleiro gigante, os estudantes “vestem” as peças do jogo: cavalos, reis, damas, bispos, torres



e peões. O educador resalta alguns dos benefícios da prática do jogo, como desenvolver o trabalho em equipe e estimular a concentração. “Além de ajudar na resolução de problemas, pensamento estratégico e outras habilidades. Não é só lúdico, ele desperta outro olhar nos estudantes”, garante Marcos.

O secretário de Estado de Educação, Pedro Fernandes, reforça o pensamento do professor: “É importante associar atividades lúdicas com práticas pedagógicas. Essas ações envolvem os estudantes e provocam a reflexão, desenvolvem o trabalho em equipe e espírito de integração”, afirma.



O aluno Abraão Lincoln do Nascimento Vieira é um dos mais dedicados e joga xadrez há três anos no colégio. E, segundo ele, o gosto pelo esporte veio antes de ingressar na escola. “O xadrez é muito especial. Quando morava em Brasília, já praticava o esporte, disputava campeonatos e sempre tentava ser o melhor. Depois que cheguei ao Rio de Janeiro, me matriculei na escola e comecei a jogar novamente. Posso dizer que faz parte da minha vida”, finaliza o estudante.

■ *Por Jéssica Almeida*

Colégio Estadual Vicente Jannuzzi

Av. das Américas, 6.120 – Barra da Tijuca – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 22793-080

Tel.: (21) 2333-4432

E-mail: cevicentejannuzzi@educacao.rj.gov.br

Fotos: Paulo Fernando (Seeduc)

Fonte: Assessoria de Comunicação Social da Seeduc

INDISCIPLINA NA AULA: E AGORA,

A violação de regras e a falta de limites têm ganhado força e se tornado um grande quebra-cabeça para pais e professores, sobretudo nas relações sociais na escola



NA SALA DE , PROFESSOR?



Mesmo nos países mais desenvolvidos, a falta de limites e obstruções das regras têm sido uma das principais inquietações comportamentais entre crianças, jovens e adultos. Essas quebras de normatizações vão desde o código de vestimenta, horário escolar, ética no trabalho, até comportamento social, conduta, respeito e assim por diante.

No âmbito escolar, o comportamento dos estudantes nem sempre acontece como os professores e pais esperam. Isso é notável porque a indisciplina nas escolas vem aumentando a cada dia. O mau comportamento, dentro da sala ou nos espaços sociais, toma 20% dos tempos das aulas, de acordo com uma pesquisa internacional. Ou seja, é gasto praticamente um dia da semana apenas para tratar a indisciplina dos estudantes.

Mas por que esses estudantes estão cada vez mais indisciplinados? A verdade é que não é a desordem dos alunos o maior problema, uma vez que ela é apenas a consequência da rotina desatualizada e da falta de adaptação aos processos de aprendizagem.

Conhecendo essa falha no processo, é preciso refletir sobre prováveis motivos da indisciplina na escola e estabelecer procedimentos para abraçar da melhor forma os estudantes nos afazeres escolares, para que esses problemas se reduzam.



E AGORA, PROFESSOR?

Lançamento da nova editoria apresenta 1ª temporada de websérie que encoraja o professor a transformar os alunos indisciplinados em engajados

Nota oficial: A Revista Appai Educar tem o orgulho de apresentar uma nova extensão de conteúdo. Com o lançamento da editoria *E agora, professor?*, que vai abordar assuntos relacionados a metodologias ativas em sala de aula, apresentamos uma continuidade além do papel. Uma nova websérie está nascendo para compartilhar com os professores as melhores ações com um único propósito: elevar a qualidade do ensino. Estarão com a gente diversos profissionais especialistas que vivenciam diariamente a sala de aula. E que produzem conteúdo inovador com resultado ativo.

Nesta primeira temporada vamos falar sobre a **Indisciplina na Sala de Aula**, assunto bastante pertinente que vem se destacando a cada ano, onde costuma acontecer principalmente um “jogo de empurra” entre a família e a escola. Afinal, de quem é a responsabilidade? Quando você tiver aquela dúvida e se perguntar “E agora, professor?”, lembre-se que a Revista Appai Educar pode ajudar você!

- Equipe Revista Appai Educar

Quando o docente não tem a preocupação em fazer um bom trabalho, acaba se tornando um professor indisciplinado, que consequentemente influenciará de maneira gradativa os estudantes, pois na sala de aula o discente é o reflexo do professor. Se o aluno não o vê como um profissional preparado, organizado, disciplinado, que executa as ordens da unidade escolar, a tendência é que ele atue da mesma forma, só que dentro do papel dele como aluno.

Afinal, o professor sempre almeja que toda turma seja exemplar ou sonha ter o aluno ideal, aquele que cumpre as tarefas, é dedicado, organizado, participativo, enfim, um estudante nota 10. Mas será que ele, como docente, está sendo o “professor nota 10”?

Por outro lado, determinar comportamento não é função do professor. Por isso o melhor remédio contra a indisciplina sem dúvida é a parceria entre os pais e a escola. E para promover um processo de ensino-aprendizagem expressivo, é fundamental que a sintonia tríplice, composta por alunos, pais e escola, esteja sólida, pois se alguma das partes fraquejar é bem possível que a resolução educacional não seja positiva. E claro, poderá refletir diretamente no mau comportamento do corpo discente.

Inserir os pais no cenário pedagógico é uma das missões mais significativas e desafiadoras para os gestores escolares e professores. Afinal, são eles que estão presentes no dia a dia das crianças na maior parte do tempo. Além do mais, ninguém mais que eles quer o melhor para os filhos. Inclusive, se o aluno observar que reconhecem o que vive na sala de aula, espontaneamente ele se conduz a se esforçar mais.

A importância da relação entre os pais e a escola se ratifica quando o assunto se destaca na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Segundo as duas publicações, os pais possuem o direito de saber como anda o processo pedagógico e também podem participar da elucidação das propostas. Os documentos alegam ainda que as escolas têm a obrigação de articular com as famílias dos educandos.

Diante desse cenário, os pais dos estudantes se convertem em grandes aliados no processo educacional, apesar de nem todos os professores compreenderem dessa forma. Certamente, com uma parceria efetiva entre os responsáveis e o instituto educacional, o estudante propende a ser disciplinado.

Uso do tempo na sala de aula brasileira

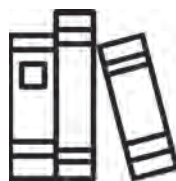
Para começar a falar sobre o assunto, é importante mostrar uma pesquisa realizada pela OCDE, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento, que indica que no Brasil o docente perde 20% do tempo de aula tranquilizando os alunos e colocando a turma em ordem para poder lecionar. Além disso, o estudo aponta que 60% dos professores ouvidos têm mais de 10% de alunos-problema em sua sala de aula, o maior índice entre os países participantes do estudo.

A pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (Teaching and Learning International Survey, Talis, na sigla em inglês) ouviu professores de 33 países. O estudo mostrou que no Brasil o professor utiliza 20% (a média da OCDE é de 13%) desse tempo para acabar com a bagunça, 13% da aula resolvendo problemas burocráticos e 67% ensinando efetivamente o conteúdo. É o país no qual o professor consegue com menos intensidade aproveitar seu momento de trabalho.





20%
para acalmar a
bagunça



13%
para burocracia



67%
para aula
efetiva

A pesquisadora Gabriela Moriconi, da Fundação Carlos Chagas, participou do levantamento. Ela também fez pesquisas em Ontário, no Canadá, e na Inglaterra, e percebeu que a formação dos professores é melhor nestes países. Ainda de acordo com o estudo, no Brasil, mais de 90% dos docentes dos anos finais do Ensino Fundamental concluíram o nível superior, mas cerca de 25% não fizeram curso de formação. Em comparação, no Chile aproximadamente 9 entre 10 dos profissionais adquiriram essa qualificação, assim como quase todos os professores na Austrália e em Alberta (Canadá).

“No Brasil, por problemas de salários e outras atividades, se utiliza um professor que não foi preparado para dar aquela disciplina. Além disso, a média aqui é de 31 alunos por classe, enquanto nos outros países é de apenas

24”, destaca Gabriela. Segundo ela, é preciso criar um sistema de planejamento de políticas de apoio às escolas e aos professores para lidar com alunos que estão se desenvolvendo. “Todo mundo entende que na pré-adolescência os estudantes testam seus limites e estão aprendendo a ser autônomos”, afirma a pesquisadora, que acrescenta que é preciso enxergar que em outros países os jovens têm muito apoio inexistente no Brasil.

Em seu relatório, a pesquisadora conclui que “a construção de uma cultura escolar positiva pode ser uma forma de reduzir problemas de comportamento e absenteísmo, portanto melhorando as condições de aprendizagem dos alunos. Uma maneira de criar um ambiente mais positivo é envolver estudantes, pais e professores nas decisões da escola. Docentes que trabalham em instituições com um maior nível de participação entre as partes interessadas apresentam menos relatos de alunos com problemas de comportamento em suas salas de aula”, finaliza Gabriela.

Outro apontamento, mas este realizado pela Fundação Victor Civita e pelo Ibope com 500 professores, mostra que um dos fatores da indisciplina está ligado à falta de adequação do processo de ensino.



Numa comparação de características dos ensinamentos público e privado, na ótica dos docentes da rede pública das grandes capitais, os resultados demonstraram significativas diferenças de percepção sobre os dois sistemas. A liberdade de exercer a profissão e a visão do aluno como sendo cidadão são dois dos atributos considerados positivos da escola pública. Por outro lado, as instalações mais adequadas, a valorização e conseqüente maior remuneração do professor, assim como o planejamento pedagógico, estão entre os aspectos que podem contribuir para que as instituições privadas ofereçam uma melhor qualidade de ensino.

De acordo com o artigo “Estudos e Pesquisas Educacionais”, da Civita, pode-se imaginar que um ambiente pouco propício para o desenvolvimento de uma cultura que promova conhecimento e o estímulo a aprendizagens significativas colabore apenas para que aumente a propensão ao desrespeito, à indisciplina.

Um dos exemplos citados de utilização do uso de tempo com eficácia está na reunião bimestral dos pais na escola, que poderia ser uma oportunidade mais efetiva de contato e de envolvimento das famílias com os educadores. No entanto, a pesquisa aponta que esses encontros acabam se traduzindo em repetidas reclamações acerca da indisciplina dos alunos, em detrimento de discussões centradas na melhoria do ensino, que só aparece em segundo lugar entre os assuntos debatidos com mais frequência.

Mas afinal, há solução para alunos indisciplinados e desinteressados?

De acordo com a psicopedagoga Maria Odete Oliveira, de Porto Alegre/RS, a indisciplinada, na maioria das vezes, está relacionada ao desinteresse pelo âmbito escolar e pelos estudos. Por isso, como mencionado acima, o papel da família é indispensável. Nesses casos, os professores têm que estar vigilantes para não deixar essa situação evoluir, pois um estudante indisciplinado pode se tornar uma sementinha que germinará e influenciará os demais.

Mas, se desse ponto de vista a informação é ruim, é importante abrir os olhos e aceitar a hipótese como algo desafiador. Para Maria Odete, a parte boa

dessa análise é que é possível que um estudante indisciplinado altere o seu comportamento e se torne uma boa influência na escola. “Uma estratégia que pode ser proveitosa é ir atrás do conteúdo que o estudante de mau comportamento goste. Pode ser relacionado a música, jogos, esporte ou algo semelhante. Dessa maneira, procure associar estes gostos com alguma atividade a ser realizada em sala de aula”, exemplifica a psicopedagoga ratificando que com essa simples remodelagem de trabalho é possível estimular a mudança de hábitos que podem modificar o comportamento do estudante, despertando nele o interesse.

-INDISCIPLINA- COMO SE RESOLVE?

- COM REGRAS MAIS RÍGIDAS
- EXPULSANDO ALUNOS
- COM MAIS POLICIAMENTO
- NENHUMA DAS ANTERIORES

Será que você sabe lidar com esse problema?

Entendendo o estudante indisciplinado

De acordo com um artigo publicado no *site* da Escola em Movimento, é preciso distinguir a indisciplina em dois pilares: as de natureza moral e as convencionais. A primeira é referente aos princípios éticos, que visam o bem comum, e por isso valem para todas as instituições e qualquer situação, como não bater, xingar ou mentir. Já as convencionais variam de escola para

escola. Têm a ver com o uso de celular, uniforme ou boné. Por isso é importante diferenciar para saber como enfrentar essa questão.

Não importa o ambiente, é necessário sempre fazer com que as regras sejam preservadas. Isso permite uma melhor convivência dos que estão inseridos nesse espaço. Quando existem atos indisciplinados, os

motivos podem ser variados. Antes de julgar, então, é necessário conhecer o contexto em que o estudante vive.

O aluno se comporta da mesma forma em todas as aulas? Como é o ambiente familiar? Como ele lida com suas próprias emoções? Tudo isso pode influenciar diretamente no seu comportamento, segundo a Escola em Movimento.

O que fazer quando o aluno perde o respeito pelo professor?

Respeitar o próximo é a base para a boa convivência entre a humanidade. E o aprendizado é o berço que aprimora esse conhecimento. Atualmente, a causa da indisciplina vivenciada entre os alunos está bastante ligada à perda de respeito pelos professores e, sobretudo, pela figura humana.

Não são poucos os casos divulgados de professores desrespeitados por alunos, não somente por meio verbal, mas chegando à agressão física. Num passado não muito distante, o *status* social do professor fazia parte daqueles de mais alto nível. Hoje a sua filiação aos de baixa condição econômica, bem como a situação estável de alguns estudantes, têm sido uma mola propulsora para o aumento dessa indisciplina.

Se, por um lado, os menos afortunados usam o poder do ambiente, quase sempre hostil, em que vivem para impor suas verdades e vontades, por outro, os mais abastados economicamente o fazem da mesma maneira, apenas mudando as ferramentas.

De acordo com Carla Cunningham, da Universidade de Saint Mary, em Minnesota, em muitos casos, quando se analisa as maneiras pelas quais a escola disciplina seus alunos, acaba-se descobrindo que esses códigos educacionais permitem desafios como, por exemplo, os pais que querem que seus filhos sejam aprovados independentemente do seu comportamento e os relatos de condutas inadequadas.



Como a indisciplina pode afetar o rendimento escolar?

Um aluno indisciplinado geralmente rouba toda a atenção na sala de aula, tirando o foco dos outros estudantes. Com isso, além de ele próprio ter um aprendizado menor, muitos colegas podem passar a ter dificuldade em acompanhar as aulas, o que ainda pode gerar mais indisciplina.

A Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade e Psicopedagoga Cristine Guedes ressalta que a escola é um espaço acadêmico que dá ao aluno a possibilidade de registrar e interagir com suas reservas de aprendizagem, cabendo a esse momento a responsabilidade por um ensino de qualidade. “Ou seja, fazer a mediação da aprendizagem entre os alunos e o objeto de estudo. Acolhendo o ensaio da

reflexão para que haja o pronto desenvolvimento do estudante para o trabalho específico da autonomia. Se nesse movimento ele não construir recursos para corresponder a esse processo, agirá com suas reservas mínimas de aprendizagem”, explica.

Será gerada, com isso, ociosidade, pelo fato de o estudante não ter adquirido um ritmo significativo para aprender. “Sendo assim, os objetivos educacionais serão frustrados e relegados ao ostracismo da não aprendizagem. Isso sim gera a ansiedade. E em se tratando desse tema, diversos são os transtornos que podem impedir que o processo de ensino e aprendizagem aconteça a contento”, garante a psicopedagoga.



Como agir para evitar a indisciplina na escola?

É importante ressaltar que o movimento contínuo de reavaliação de regras e o respeito a elas são a base de todo convívio em sociedade. Da mesma forma que os conflitos nunca vão deixar de existir na vida em comunidade e, claro, no contexto escolar. Saber lidar com eles é que vai fazer com que você, professor, consiga trabalhar melhor. “Esperar que os pequenos, de modo espontâneo, saibam se portar perante os colegas e educadores é um engano. É abrir mão de um dever docente”, explica Luciene Tognetta, do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Unicamp.

É preciso enfatizar quais são as regras e quais são os combinados na escola. É primordial não criar objetivos que sejam impossíveis de serem cumpridos, como silêncio total durante a aula, por exemplo. Todavia, gerar práticas para não utilizarem o celular em determinados momentos é plenamente possível.

Para Mariana Ribeiro, professora de escolas municipais de São Paulo, com as normas claras os estudantes ficam sempre cientes do método de convivência, assim como do dever a ser desempenhado. “Envolver os alunos na formação de algumas regras pode também contribuir para um engajamento, pois se sentirão mais envolvidos e valorizados”, enfatiza Mariana.

Além das regras, a docente acrescenta que é importante também elaborar atividades educativas e lúdicas que ensinem os bons hábitos dentro da escola. Já do muro pra fora, é a família que deve estar alerta às atitudes. “É preciso que os pais conversem sobre o dia a dia escolar e identifiquem prováveis pontos de enlace emocionais que podem inquietar. Em casa, o estudante tem que se sentir confortável para se abrir com os responsáveis sobre seus sentimentos e opiniões em relação ao que vivenciou na escola”, pondera a professora.

Para a psicopedagoga Cristiane Guedes, no cenário atual, é necessário um suporte de toda a equipe que forma a comunidade educativa: a escola e seus mecanismos institucionais, pro-



fessores e pais. “Essa união é saudável para que o jovem entenda que ele é importante. Que seu processo de crescimento é essencial também”, explica Cristiane. Para a especialista, é fundamental que se estabeleçam metas claras e eficazes para que ele compreenda sua aprendizagem como única e intransferível. “Esse processo muito irá colaborar com sua dignidade no futuro. Os jovens são o futuro”, garante.

A especialista ressalta que os cuidadores exercem a função de colaboradores, principalmente do desenvolvimento infantil.

Para tanto, é necessário que eles compreendam o espaço escolar como uma etapa na vida dos estudantes. “A escola não é um lugar de educação específica, como hábitos, regras de convivência e respeito. Essas estruturas da personalidade são de responsabilidade dos pais e cuidadores e é com elas que os alunos vão interagir na escola. Considero intransferível. Para tanto, é importante entender que cada um na sociedade tem sua função na formação do indivíduo”, afirma a psicopedagoga.

Quer saber mais?

Inscreva-se no canal oficial da Appai no Youtube para acompanhar todos os episódios da web-série **E AGORA, PROFESSOR?** que vai complementar esse nosso conteúdo escrito e trazer muitas novidades em vídeo para você compartilhar nas redes sociais e ajudar outros colegas de profissão.

Compartilhe essa novidade!
youtube.com/appairj

■ *Por Antônia Lúcia, Jéssica Almeida e Richard Günter*

Fontes: Lei de Diretrizes e Bases | Estatuto da Criança e do Adolescente | Escola em Movimento | Organização para a Cooperação e Desenvolvimento (OCDE) | Teaching and Learning Internacional Survey | Fundação Carlos Chagas | Fundação Victor Civita | Ibope | Nova Escola

QUANDO “O CORTIÇO” VIRA CASA-GRANDE

Uma nova leitura renasce entre os alunos do IFRJ

Exímio caricaturista, o romancista Aluísio Azevedo através de seu clássico “O Cortiço” foi a principal fonte de inspiração para os alunos do Curso Técnico de Informática para Internet integrado ao Ensino Médio, do IFRJ, no projeto *Literação*. O objetivo foi estimular a interação dos alunos com um dos maiores clássicos de nossa literatura, de forma dinâmica, viva e democrática.

Para entrar no universo naturalista do autor, o professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira Adriano Oliveira Santos foi se aprofundando de um modo que nem ele pôde imaginar a proporção e o sucesso que a adaptação da obra de Azevedo tomaria.

A partir das muitas conversas nascidas da leitura e discussão nas classes, durante as aulas de Literatura Brasileira, Adriano percebeu que algo maior poderia ser realizado em cima de todo aquele conteúdo. Foi então que resolveu, juntamente com a turma do 4º período do curso, ir além. “E o que inicialmente seria apenas uma tarefa para cumprir parte da avaliação à qual os alunos seriam submetidos transformou-se em uma grande apresentação teatral”, afirma o professor.

Antes que o produto final fosse apresentado, Adriano e seus alunos tinham em mãos um outro grande desafio. “Além da construção de um roteiro, os estudantes tiveram que estudar minuciosamente os perfis das personagens e cada figurino. Isso sem falar na distribuição dos papéis de acordo com a afinidade deles próprios com o

TIÇO” NDE

texto e os personagens, para que a interpretação, com isso, se tornasse mais verossímil”, explica o professor bastante orgulhoso do empenho e dedicação de seus alunos.

O estudante Pedro Paulo França da Silva relatou que seu personagem “Miranda” foi bastante desafiador: “Ele é um tipo completamente opressor e que não liga e não ama ninguém. Tive dificuldades para interpretar e, por essa razão, precisei estudar alguns ‘trejeitos’, para colocar no personagem, além de fazer exercícios vocais, pois o Miranda tinha que ter uma voz mais grossa, mais firme, como se espera de um barão. Para mim significou muito viver esse personagem, pois, por ele, eu pude pensar como uma pessoa autoritária, insensível, e eu nunca tinha interpretado alguém assim”.



“A grande lição esteve centrada na interação e cooperação já que, mesmo em um país em que se coloca em xeque o gosto pela leitura, os alunos mostraram sua capacidade e habilidade enquanto leitores críticos”

De acordo com a comunidade escolar, a construção do cenário foi um dos elementos mais importantes no desenvolvimento do projeto. “Ter a responsabilidade de fazer algo que causasse uma imersão no público e que ao mesmo tempo fosse barato e bem apresentado não foi fácil”, conta Gabriel Mendanha.

Entre os momentos da apresentação teatral, um provocou reflexões e emoções na plateia composta por alunos, servidores, diretores, responsáveis e convidados: a separação do casal Jerônimo e Piedade, por conta do alcoolismo vivido pelo personagem. Arthur Silveira Souza, que fez o papel de

Jerônimo, traduziu em seu depoimento um pouco do que sentiu:

“Ao interpretá-lo, tentei passar isto: um homem abusivo com sua esposa (a Piedade) e que resolve deixá-la e às filhas sozinhas, sem qualquer amparo. O Brasil está cheio de ‘Jerônimos’; infelizmente, há maridos irresponsáveis ou pais ausentes que não pagam pensão”.

Um outro momento foi marcado pelas transformações no corpo, vivenciadas, na obra, pela personagem Pombinha, e que exigiu da aluna Bruna Siqueira Queiroz bastante esforço de interpretação: “Foi um desafio para mim; tive que repassar a cena várias vezes”, afirma.



Alunos encenam a discussão entre os personagens Miranda, interpretado pelo Pedro Paulo, com sua família ao fundo, e João Romão, representado por Pedro Mesquita, na cena acompanhada de Bertoleza, vivida por Nara

Muito trabalho em pouco tempo

Segundo o professor Adriano, desde a leitura da obra até a sua encenação, foram necessários três meses de intenso trabalho, para que na culminância, realizada no auditório do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), *campus* Eng. Paulo de Frontin, viesse a público o resultado de todo o esforço.

Motivados com o desenrolar do trabalho e a projeção que todas as atividades tomaram dentro

e fora dos muros escolares, alunos e professores resolveram expandir o público espectador. “Queríamos compartilhar aquele trabalho com o maior número de pessoas possível, então resolvemos convidar estudantes de escolas vizinhas e até de outros municípios para o evento”, conta Bruna Siqueira Queiroz, lembrando que entre os convidados estão jovens assistidos pelo Cras (Centro de Referência de Assistência Social) da cidade de Vassouras.



Na sequência as alunas Isadora, Giulia e Isis dão vida às lavadeiras do cortiço

Além da divulgação interna, as mídias sociais também tiveram uma forte contribuição na disseminação do projeto entre a comunidade escolar, familiares e amigos do colégio. Uma das responsáveis pela divulgação da peça, a aluna Láisa Maressa Ferreira, não só confeccionou o cartaz, como mostrou um grande talento criativo.

Por fim, o projeto despertou e motivou o envolvimento de outros professores, como Isabella Trindade Menezes, da disciplina de História, que resolveu utilizar o

trabalho de forma integrada, com o professor Adriano, também como tarefa de avaliação de sua disciplina. O mesmo ocorreu com a docente de Sociologia Gabriela Kronemberger que, inspirada no caráter interdisciplinar da obra, organizou, em conjunto com as disciplinas de Português e Literatura Brasileira, uma exposição de textos e fotos produzidos pelos alunos do mesmo projeto, que recebeu o título de *Desigualdades sociais: os nossos cortiços*, relembra Adriano.

Para alunos e professores a grande lição esteve centrada na interação e cooperação, tanto por parte dos educandos – que, mesmo em um país em que se coloca em xeque o gosto pela leitura, mostraram sua capacidade e habilidade enquanto leitores críticos –, como de todos os professores e familiares que perceberam que um time integrado é sinônimo de sucesso.

■ Por Antônia Lúcia

Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ, campus Engenheiro Paulo de Frontin

Av. Maria Luiza, s/nº – Sacra Família do Tinguá – Engenheiro Paulo de Frontin/RJ

CEP: 26660-000

Tels.: (24) 2468-1861 / 2468-1862

E-mail: adriano.santos@ifrj.edu.br

Professor: Adriano Oliveira Santos

Fotos cedidas pela escola



ME ESCOLA



PUTA, PÔ!

A proposta é estimular a reflexão sobre o papel de cada um e a importância para a sociedade

Como recomenda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a escola deve empreender, em seu cotidiano, uma reflexão acerca das múltiplas cidadanias e identidades,

necessárias para a construção de uma sociedade democrática. No Thomas Jefferson, em Realengo, a professora Jéssica Fernandes desenvolveu, com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, o projeto *Me escuta, pô!*, com a proposta de estimular uma reflexão sobre o papel de cada sujeito e sua importância para a sociedade, a fim de elevar a autoestima do aluno que se vê e se sente marginalizado por conta de suas características físicas e de sua realidade social.

De acordo com a professora, o projeto, colocado em prática nos últimos quatro meses do ano, foi pensado para atingir as diversas áreas do conhecimento, partindo de uma perspectiva transdisciplinar. Jéssica destaca que, antes mesmo do projeto ser pensado, já havia um trabalho sendo feito com a turma em relação à construção da identidade. “O *Me escuta, pô!* veio complementar uma abordagem que respeite a subjetividade de cada aluno e foi idealizado após sermos presenteados pela Appai com ingressos e transporte para que pudéssemos levar os alunos a um teatro, em Bangu, para assistir a peça ‘A Bela Adormecida’, com o intuito de mostrar a eles diferentes possibilidades de se expressar e também ressaltar a positividade nas características de sujeitos negros, por meio do conceito da representatividade”, enfatiza.

O espetáculo visto pelos alunos é uma releitura da obra escrita em 1634 pelo francês Charles Perrault. Séculos depois, em 1959, seria alavancada à fama mundial com uma adaptação animada feita pelos estúdios Disney. Nessa adaptação o roteiro é da escritora carioca Janine Rodrigues, também uma mulher negra, autora de seis livros de literatura infantojuvenil focados em diversidade. Com direção de Alexandre Lino, a peça subverte algumas noções presentes na produção clássica, em que cores e tons mais escuros são sempre associados a algo maligno e negativo. A atriz e bailarina Silvia Patrícia é a protagonista



Além da troca de saberes, os alunos participaram ativamente da produção textual e da contação de histórias

do espetáculo, que estabelece um reencontro com as culturas populares e erudita, além de exaltar as nossas raízes e a diversidade para as novas gerações. A beleza, a inteligência e o talento da menina/mulher subvertem o imaginário que idealiza princesas como pessoas brancas, loiras e de olhos claros. A professora relembra que muitos alunos ficaram encantados com a história e, a partir dali, ela vislumbrou a possibilidade de desenvolver diferentes atividades que estimulassem a formação da identidade e a melhora da autoestima da turma. “Este projeto se torna relevante mediante o contexto no qual os alunos estão inseridos. Muitos ainda têm dificuldade em se assumir como sujeito negro, numa sociedade em que a estética branca é quem define o belo”, complementa.

No dia da culminância do projeto, os alunos foram surpreendidos com a visita de Silvia Patrícia à escola. Numa mistura de entusiasmo e encantamento, as crianças a abraçaram e demonstraram muito carinho pela atriz, numa clara demonstração da empatia criada desde o dia da encenação da peça. “É muito gratificante saber que sou referência para essas crianças, que veem em mim uma possibilidade de ascensão. Eu vejo brilho nos olhos delas, eu sinto retorno. A mensagem da peça foi mostrar que todos somos belos,



As obras de três autores negros, Otávio Júnior, Elaine Marcelina e Carlos Carvalho, serviram como eixo, a fim de que os alunos pudessem refletir sobre felicidade, saberes e seu lugar de valor na sociedade

Através do brincar a criança desenvolve elementos fundamentais para a formação da personalidade, experimenta situações, organiza suas emoções, processa informações e constrói autonomia de ação.

que todos temos uma história e que podemos contá-la”.

Ao longo do projeto, os alunos trabalharam com produção textual e contação de histórias baseadas em três autores negros: “Da minha janela”, de Otávio Júnior, obra que retrata a perspectiva de um personagem que narra cada coisa, pessoa e animal que vê da sua janela, em uma favela do Rio de Janeiro. Dela, ele vê cores, traços, gestos, objetos e bichos cujas vidas podem ser parecidas ou diferentes da do leitor, mas que têm algo a ensinar. No segundo livro, “As coisas simples da vida”, a autora Elaine Marcelina fala de sentimento entre mãe e filha e faz a criança leitora refletir sobre tantas outras coisas simples que nos trazem felicidade. Já o terceiro livro trabalhado com os alunos foi “Xavier”, de Carlos Carvalho. Segundo o autor, a obra busca ser um instrumento que faz o

negro sair do “lugar comum” na sociedade brasileira, considerando a importância para a identificação de crianças e jovens com personagens cujo tom de pele é diferente da maioria dos personagens das histórias infantis.

A professora Jéssica contou ainda com a participação de vários colaboradores. Um deles é o próprio Carlos Carvalho, que, além de escritor, é também professor e músico. Ele realizou uma oficina de percussão, cujo objetivo foi estimular as crianças a perceber a música como mais uma possibilidade de expressão. Outro importante colaborador foi o professor e escritor Philippe Valentim, que orientou uma oficina com o propósito de mostrar a escrita como meio de “libertação”, no sentido de propiciar a autoria de textos de diversos gêneros. “A proposta foi mostrar



Na foto ao lado, da esquerda para a direita, a atriz Sílvia Patrícia, a professora Jéssica Fernandes (responsável pelo projeto), além dos escritores Maria Carolina Azevedo e Philippe Valentim

que a literatura está presente nas nossas interações cotidianas, com o próprio território e com as nossas afetividades. Propusemos um exercício de minicontos a partir de uma tirinha, para que eles trouxessem um pouco da construção textual, fortalecendo a ideia de que a literatura pertence a todos nós, que ela está presente no dia a dia. É muito importante escrever. Falo como autor, porque é uma forma de se representar. A arte tem essa capacidade de transmutar a nossa existência”.

Já a professora e escritora Maria Carolina Azevedo aproveitou

a abordagem da peça “A Bela Adormecida” para contar a história de personagens da realeza africana que foram escravizadas: “Trabalhei com as crianças a ancestralidade, um outro lado da vinda de negros escravizados para o Brasil, buscando restaurar suas identidades, como pessoas que tinham suas histórias antes de serem tornadas cativas. Apresentei às crianças algumas rainhas e reis negros e fizemos um trabalho de tentar pensar que foram essas as primeiras pessoas que formaram a família delas. Já que não temos histórias concretas, pelo menos trabalhamos a imaginação de uma forma afirmativa”. A empreendedora Lúcia do Espírito Santo fechou as parcerias com uma oficina de produção de faixas e turbantes, cujo objetivo foi demonstrar a possibilidade de se expressar através da vestimenta.



Na culminância do projeto, os alunos narraram histórias, declamaram poesias, desfilaram com faixas e turbantes que eles confeccionaram e fizeram apresentações de dança e percussão. A aluna Yasmim Souza foi a cerimonialista do evento: “Estou muito feliz de ter participado desse projeto. Agora sei que todos nós podemos ser o que quisermos. Só precisamos ir atrás dos nossos sonhos”, declarou. Seus colegas de turma, Nathany Martins Rodrigues e Vitor Medeiros, também estavam entusiasmados com o que aprenderam. “Eu escrevi uma poesia sobre nossos ancestrais e fiz

três turbantes em tecidos para mim e meu irmão”, disse Nathany, enquanto Vitor completou: “Aprendi a ser percussionista e a dar valor aos nossos ancestrais africanos”.

Para a diretora do Ciep, Rejane Matos, o envolvimento dos alunos foi um aspecto importante no projeto. “É muito bom ver a escola em movimento, trabalhando temas tão atuais. Isso gera um comportamento diferenciado e propicia a abordagem de questões ligadas ao preconceito e ao *bullying*, por exemplo. Ao assimilar o conteúdo trabalhado, o aluno o propaga não só no ambiente

escolar, como também na comunidade em que vive e no núcleo familiar. Esses valores vão repercutindo e ficamos muito felizes por isso”.

A coordenadora pedagógica Laura Varanis acompanhou todas as etapas do projeto e faz uma avaliação: “É muito importante focar a influência dos nossos ancestrais africanos e estimular a valorização dos alunos, para que se reconheçam como integrantes de uma sociedade em que eles ainda não se enxergam como membros ativos. Queremos que nossas crianças possam sair daqui capazes e cientes de que podem mudar essa sociedade”.



■ Por Tony Carvalho

Ciep Thomas Jefferson

Estrada do Engenho Novo, s/nº

Realengo – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21730-320

Tel.: (21) 3332-2165

E-mail: cieptjefferson@rioeduca.net

Fotos: Tony Carvalho

Guia Histórico

RIO STAR: A NOVA MARAVILHA



LHA DO RIO

Quem se aventurar no novo cartão-postal do Rio de Janeiro terá a sensação de estar subindo um prédio de 25 andares, só que de forma bem lenta. A atração inaugurada no final de 2019 promete outra perspectiva dos pontos turísticos da cidade. De um lado, o Centro com o Morro da Providência e, ao fundo, o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar. Do outro, o Museu do Amanhã, a Baía de Guanabara e a ponte Rio-Niterói.

A roda-gigante é a mais alta da América Latina. Para a construção da Rio Star foram utilizadas 600 toneladas de aço importado da China, sendo 6 mil quilos apenas de parafusos. Com 88 metros de altura, a Rio Star conta com 54 cabines climatizadas que podem receber até 8 pessoas cada, totalizando 432 visitantes. O passeio dura cerca de 18 minutos, tempo para ser concluída uma volta completa.

Ao atingir 10 minutos, o visitante estará no topo da atração. Se o céu estiver sem nuvens, será possível enxergar ainda a Serra dos Órgãos e seu pico Dedo de Deus, a quase 70 km de distância, em Teresópolis, cidade da Região Serrana.

A Rio Star é, atualmente, a maior roda-gigante da América Latina e está entre as 20 maiores do mundo. Inclusive, por esses dois quesitos, ganhou em Orlando (EUA) o prêmio de “projeto inédito” da Associação das Empresas de Parques

de Diversões do Brasil (Adibra) antes mesmo de ser inaugurada. De acordo com a Prefeitura do Rio, 30% do quadro de funcionários da roda-gigante são formados por moradores dos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo.

Diferentemente da London Eye, a roda-gigante carioca conta com assentos para os visitantes, que viajam sentados. Na bilheteria do Parque ainda é possível alugar binóculo e comprar pipoca. Esses produtos podem ser adquiridos também no *site* da atração durante a aquisição antecipada do ingresso.

Para quem visitar o local de transporte público, a melhor opção é o VLT, já que ele conta com a estação Cidade do Samba, que fica a menos de 300 metros da Rio Star.

Aos professores que desejam realizar uma saída de campo com os alunos na região do Porto Maravilha, basta entrar em contato com a equipe comercial da atração, pois para os grupos estudantis há valores especiais, com desconto sobre a meia-entrada para escolas públicas do Rio de Janeiro.

■ *Por Richard Günter*

RIO STAR - Porto Maravilha

Av. Rodrigues Alves, 455 – Santo Cristo – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 20220-360

Whatsapp: (21) 99815-4973

Site: <https://riostar.tur.br/>

Foto: Divulgação/Prefeitura do Rio

Horário de funcionamento: 10 às 18h

Fonte: Divulgação/Prefeitura do Rio

COMER BRINCO

Projeto usa o lúdico como ingrediente principal para uma alimentação saudável



CANDO

Não há nada mais frustrante para uma mãe do que, ao chegar na creche ou na escola, ouvir do professor que seu filho vem rejeitando a comida. Pais que passam por essa situação, seja em casa ou na escola, tendem a ficar decepcionados. É claro que existem várias causas, que vão desde a criança não estar com fome, passando pela resistência à textura dos alimentos, maus hábitos alimentares ou mesmo algo clínico. Todavia esse é sempre um pesadelo para os pais.

A fim de contribuir para que essa situação não persista entre as famílias, e que elas tenham mais consciência acerca do que é uma alimentação saudável e seus benefícios, a diretora da Marista Escola Social Irmão Lourenço, em São Paulo (SP), Andrea Aparecida Castro, vem desenvolvendo atividades lúdicas sobre hábitos saudáveis entre crianças e adolescentes através do projeto *Boas práticas com os alimentos*.





Comer brincando sempre será uma boa opção

As atividades pedagógicas da Escola Social são compostas por oficinas, aulas em cozinha experimental e até cultivo e plantio em hortas, é o que explica a diretora. “As ações pedagógicas proporcionam um conhecimento do ciclo, da plantação do alimento até a chegada no prato”, afirma Andrea Aparecida.

E como tudo que é bom pode ficar ainda melhor, o projeto ganhou um reforço no fim do ano, com a oficina “Heróis da Comida”, realizada pela Electrolux Food Foundation, em parceria com a Aisec, organização internacional focada no desenvolvimento da liderança nos jovens. Um dos pilares da Food Foundation está atrelado aos Objetivos



do Desenvolvimento Sustentável, que promove a conscientização por meio da ciência, cidadania e sustentabilidade. “Os alunos tiveram a oportunidade de mapear e se aprofundar sobre as propriedades de cada alimento, debatendo sobre o desperdício e como ele deve ser evitado”, reforça Andrea.

Estudos revelam que cada vez mais os pratos dos jovens se distanciam daquilo que podemos chamar de alimentação saudável. A geração *fast-food* parece não reconhecer os malefícios da má alimentação. É o que mostra a primeira fase do Estudo Erica, uma pesquisa pioneira no Brasil, em que cerca de 75 mil jovens foram avaliados em 1.247 escolas públicas e privadas. O trabalho revelou que apenas um em cada três adolescentes coloca salada no prato e que mais de 80% dos entrevistados consomem sódio – mineral cujo consumo em excesso faz a pressão arterial subir – acima do limite diário recomendado.

Para o estudante Lucas Rodrigues da Silva, de 17 anos, a ini-

ciativa do projeto *Boas práticas com os alimentos* não só mostrou que a alimentação saudável está ao alcance de todos, mas, sobretudo, como é importante estar esclarecido e envolvido em todas as etapas desse processo de reeducação alimentar. “Não tinha ideia da proporção de cada alimento que deveríamos comer e como dividir o nosso prato para ter mais saúde”, revela. Já para Gabriela Magalhães Sotero, de 12 anos, o que mais ficou marcado de toda experiência é a oportunidade de aprender a preparar alimentos já conhecidos, utilizando outros ingredientes. “Diminuir a quantidade de açúcar e fazer um brigadeiro com frutas é algo que eu nem imaginava”, afirma.

Os projetos ligados à alimentação também são utilizados em diversas disciplinas, mostrando a integração dos conteúdos para o ciclo do aluno. “O importante é que eles aprendam a valorizar o alimento de diversas maneiras, para assim se tornarem cidadãos ainda mais conscientes no futuro”, salienta Andrea, reiterando a importância desse trabalho desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, além de outros projetos educacionais pedagógicos que acontecem no período de recesso das aulas.

Em busca de uma alimentação saudável as aulas em cozinha experimental, passando do cultivo ao plantio em hortas, têm sido um grande diferencial para o sucesso do projeto

■ *Por Antônia Lúcia*

Marista Escola Social Irmão Lourenço

Rua Chá dos Jesuítas, 559 - Vila Progresso – São Paulo/SP

Tel.: (11) 2052-5003

E-mail: comunicacao.cesomar@marista.org.br

Site: maristaescolasociais.org.br

ENTENDENDO AS DIFERENÇAS

Projeto aborda temas importantes e estimula a inclusão entre os alunos

Integrar as formas de comunicação no meio escolar e ainda abordar um tema de extrema importância: a violência contra a mulher. Foi com esse objetivo que o Colégio Estadual Professor Murilo Braga, localizado em São João de Meriti, desenvolveu um projeto com as turmas do 1º ano do Ensino Médio. Além de facilitar a troca de experiências, os alunos vivenciaram o

uso de libras, braile e ainda aprenderam sobre o autismo.

A educadora Áurea Peçanha já desenvolvia um projeto voltado para combater a violência contra a mulher e sentiu a necessidade de adaptá-lo, trazendo temas voltados para a inclusão com intuito de fazer com que os estudantes entendessem as diferenças e as dificuldades encontradas por pessoas com deficiência, visando uma escola inclusiva.

A inclusão é um desafio a ser vencido em todas as áreas do conhecimento





Projetos inclusivos levam a comunidade escolar a refletir acerca desse momento de transição cultural

Os alunos desenvolveram cartazes sobre a valorização da mulher, descobriram palavras em braile, compreenderam o autismo, ajudaram na socialização respeitando as dificuldades, explicaram sobre a surdez e suas causas, além de apresentarem o alfabeto em libras e em braile, que usaram para expor o conteúdo sobre a Lei Maria da Penha. De quebra, ainda fizeram a composição de um *rap* com a letra valorizando o universo feminino.

A culminância ocorreu no pátio da escola, de forma que outras turmas também pudessem aprender e participar. O diretor Carlos André ressalta que as pessoas com deficiência visual têm os mesmos direitos, sentimentos, sonhos e vontades que quaisquer outras. “É importante valorizar o fato de que o colégio contribui no sentido de ajudar o aluno a enfrentar os obstáculos. Existe a necessidade de se ter um espaço para construir novos valores e significados para viver em sociedade”, relata.

A coordenadora pedagógica Luciana Conceição completa afirmando que é um trabalho de extrema importância para ser desenvolvido na escola. “Um projeto que trata da inclusão e respeito às mulheres. Precisamos de mais iniciativas desse tipo com alunos empenhados e aprendendo a respeitar os outros para que possamos ter um futuro melhor e mais humano”, finaliza.

■ *Por Jéssica Almeida*

**Colégio Estadual Professor
Murilo Braga**

Rua Roberto Bedran, s/nº
Centro – São João de Meriti/RJ

CEP: 25520-070

Tel.: (21) 3668-0418

E-mail: cp.cepmb@gmail.com

Fotos cedidas pela professora



Sustentabilidade

UM COLORIDO ESPECIAL

Através da revitalização da fachada da escola, alunos aprendem sobre sustentabilidade e valores

As crianças são o futuro e devemos educá-las com uma visão diferenciada a respeito das questões ambientais do nosso planeta. Com esse pensamento, o supermercado Vianense, em parceria com Instituições Educacionais, desenvolveu o projeto de sustentabilidade *Muro Verde*, cujo intuito é debater alguns assuntos sobre essa temática. Entre eles, a importância de se ter um bairro arborizado, economia de água e de energia, jogar lixo na rua e suas consequências, além de implementar os 3 Rs (recicle, reutilize e reduza).

O Ciep 099 Dr. Bolivard Gomes de Assumpção, localizado em Nova Iguaçu, participou dessa ação socioeducativa, alinhada ao projeto da escola *Leio, escrevo, interpreto o mundo. Sou um cidadão!*, que visa trabalhar poesia, música, fábulas, contos e ar-

tes plásticas. E também a abordagem dos seguintes valores: respeito, honestidade, amizade, solidariedade, sinceridade, companheirismo, amor e união. A orientadora pedagógica Michele Almeida de Oliveira explica que o objetivo é promover o conceito de um cidadão consciente e atuante nas questões ambientais, sociais e políticas do mundo que o cerca.

Alunos, professores, a direção e os responsáveis participaram da confecção da pintura e dos desenhos feitos na fachada da escola. A maioria das ilustrações é releitura de obras de Romero Brito e Tarsila do Amaral. A orientadora conta que alguns alunos descobriram no dia que têm o dom de desenhar e pintar. “Observamos que todos os envolvidos na ação estavam muito felizes em realizar uma melhoria na escola. A transformação desenvolveu na comunidade escolar um sentimento de pertencimento e contemplação à arte. Diariamente vemos pessoas utilizando o espaço para se fotografar e também contemplar o que está exposto”, finaliza.



A maioria dos desenhos é releitura de obras de Romero Brito e Tarsila do Amaral

■ Por *Jéssica Almeida*

Ciep 099 Dr. Bolivard Gomes de Assumpção

Rua Simon Bolivar, 153 – Carmari – Nova Iguaçu/RJ

CEP: 26022-210

Tel.: (21) 3027-7555

E-mail: ciep099@oi.com.br

Fotos cedidas pela escola

SUMÁRIO

02 OPINIÃO

O ensino da matemática e suas aplicações

Curso de inglês, intercâmbio ou educação bilíngue: qual é a melhor opção para aprender uma segunda língua?

08 TEMA TRANSVERSAL

Além do que se vê

24 CIÊNCIAS

Cientistas por um dia

29 WEB

Rolou na web

30 MATEMÁTICA

Xadrez humano

48 ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Me escuta, pô!

54 GUIA HISTÓRICO

Rio Star: a nova maravilha do Rio

56 EDUCAÇÃO INFANTIL

Comer brincando

CAPA

A violação de regras e a falta de limites têm ganho força e se tornado um grande quebra-cabeça para pais e professores, sobretudo nas relações sociais na escola. E agora, professor?

– Pág. 32



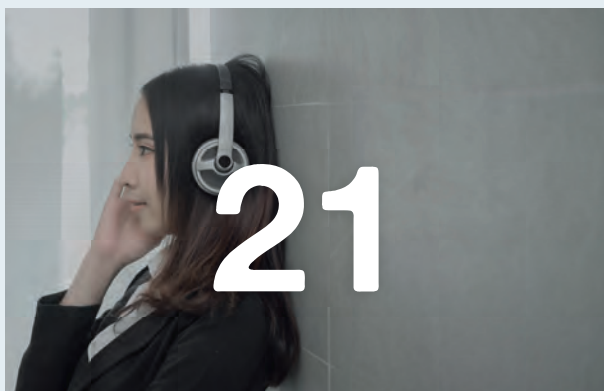
CRIATIVOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Alunos criam tijolo ecológico a partir da mistura de três elementos estranhos



NHAC! UM COLEGUINHA MORDEU O OUTRO

Como lidar com essa situação na Educação Infantil



PODCAST NA SALA DE AULA PODE?

Saiba como essa ferramenta digital pode influenciar o ensino



+ mais
appai
Nº
27

PROFESSOR, APROVADO!

Você está apto para curtir mais a vida em 2020



SÃO MAIS DE 40 ESPAÇOS DE DANÇA PARA VOCÊ NÃO PERDER O RITMO DO BEM-ESTAR

Nesse **novo ano** regido pelo sol, que tal **passar mais tempo junto** com pessoas **alegres, sorridentes** e em um ambiente **positivo e otimista**?

A **Appai** dá aquela forcinha para você **recarregar suas energias**.

E aí, tá esperando o que para se **inscrever**? Saiba mais em nosso **site**: appai.org.br



SE CORRER É BOM, CAMINHAR É D+

Sabe aquela corridinha no quarteirão de casa ou no estacionamento do supermercado? Esquece!

A Appai oferece mais de 30 polos de treinamento espalhados pelo Rio e Grande Rio, com professor e orientação nos exercícios. Descubra um bem pertinho de sua casa ou do trabalho.

Saiba mais em nosso site:
appai.org.br



CAMINHADAS E CORRIDAS
BENEFÍCIO APPAI

TÁ A FIM DE AGITAR SEU FIM DE SEMANA?

Quem nunca reclamou daquele fim de semana com **2, 3 eventos ao mesmo tempo**, enquanto num outro **você torce para que apareça unzinho** e nada!

Que tal começar a agitar essa mudança com o **Benefício Agitô!** De janeiro a dezembro a **programação rola solta**. Basta acompanhar, se inscrever e **curtir os mais variados eventos**.



A P P A I
AGITÔ

SE UM DOS SEUS PEDIDOS DE 2020 FOI DAR A VOLTA POR CIMA...

Então pode comemorar, porque você acaba de ser atendido.



E os *chefs* que se cuidem, pois a **Appai** traz pra você **cursos a distância com certificação**, que vão desde a **gastronomia caseira** até as **sofisticadas receitas** dos grandes mestres dos sabores.



E se você incluiu **beleza e bem-estar na sua listinha**, pode comemorar: **EAD** está te esperando.



EADAPP AI
educação continuada a distância

E AGORA, PROFESSOR?

Se tem um lugar de
excelência para você
divulgar seus projetos, é
a Revista Appai Educar.

Melhor que isso só a Revista
Educar em **websérie**. E você
pode fazer parte desses
capítulos mandando sua
sugestão de pauta.

ACOMPANHE PELO SITE APPAl.ORG.BR

Revista Appai

EDUCAR
Informação ao Profissional de Educação

TEM GENTE QUE GOSTA DE NÚMEROS. NÓS GOSTAMOS DE SORRISOS!

O PPAS fez mais de 85 mil sorrirem em 2019, nas suas diversas ações de responsabilidade social.

Foram mais de **100** entidades assistidas

Mais de **12** ações sociais

Mais de **30 toneladas** de alimentos doados

Mais de **137mil** latas de leite entregues

Mais de **1880** cestas básicas distribuídas

Mais de **230** brinquedos oferecidos



ppas
appai